



O F A R O L

P A U L I S T A N O.



*La liberté est une enclume qui usera tous les
marteaux*

SABBADO 20 DE OITUBRO.

Temos a satisfação de annunciar aos nossos Concidadãos a chegada do illustre Conselheiro o Sr. Raphael Tobias de Aguiar no dia 17, o qual vêm tomar assento no Conselho da Presidencia, augmentando assim as bem fundadas esperanças, que já tínhamos do proficuo resultado que terão os trabalhos da presente Sessão, pois é bem conhecida de todos a energia, com que este honrado patricio nosso, sempre extranho a considerações particulares, propugna pelos interesses da Provincia.

ARTIGO TRADUZIDO (extraído d'Astrea)

Os Principes, cujo espirito é limitado e mto, são os mais avidos de uma auctoridade sem limites; aquelles porém cuja alma é grande e generosa preferem um Governo limitado pela Lei.

O Principe que souba só em augmentar o seo poder, e lançar mão de todas as vantagens que pôde, sobre o seo povo, está possesso de uma ambição bem indigna, e capaz de fazel-o desprezar. É privar-se voluntariamente da amavel qualidade de pae e protector, que constitue essencialmente a gloria de um rei, para revestir-se da de um inimigo domestico: *Non dominationem et servum, sed rectorem et civem cogitaret* Sobre isto é que deve reflectir com attenção o principe dotado de uma alma grande e bem-fazeja. Não deve considerar-se a si mesmo como um tyranno intractavel, nem a seus subditos como prêza e escravos seus; mas sim como um modesto magistrado de seus proprios compatriotas, ligado a elles pelos doces laços de uma administração

paternal. Tal é a differença que se nota entre Isabel e Ricardo II. Que gloria, que prosperidade no reinado d'esta princeza! Que infamia e que desgraças durante o reinado d'este tyranno! Que bençãos acompanham a memoria da rainha; e com que desprezo se falla na do rei! Vê-se claramente pela historia da Inglaterra, que os seus soberanos mais ávidos do governo arbitrario, foram aquelles em quem senotava uma alma vil, e mui pouco espirito; pedantes, supersticiosos, cobardes, e efeminados.

Os historiadores francezes notam que os mais fracos e mais indignos dos seus principes foram os mais acerrimos do despotismo; e que os seus reis melhores e mais sabios contentaram-se com um poder limitado, e governaram segundo as leis. Luiz XI (diz o Cardeal de Retz) era mais astucioso que prudente; era um verdadeiro tyranno, que calcava aos pés as leis do reino, e tinha em pouco a vida dos seus vassallos; fazia ao povo extorções taes que o opprimia por todas as maneiras, não seguindo outros conselhos se não os de sua avareza e capricho. Que vantagem, que satisfação, que segurança, ou que reputação colheo elle de suas enormes usurpações e de seo tyranno poder? Já mais alguém supportou em sua vida uma tal serie de sustos, inquietações, e desconfianças; alguém já teve uma morte acompanhada de tantos terrores e miserias; sua vida, sua morte, e memoria são igualmente detestadas. Luiz XIII, naturalmente bom, porém fraco,

erá muito, ciozo da sua authoridade, unicamente por-lhe desconhecer a natureza: pelo contrario Henrique IV dotado de uma grande alma e generosa, não desconfiou jamais das leis, porque se-confiava na justiça de seus projectos. *Não desconfiou das leis, porque elle confiava em si mesmo* (dis o Cardeal de Retz). Outro monarcha da França a quem se-deo o nome de grande, summamente desejoso de um poder sem limites, com effeito d'elle gozou; não tinha nem grande alma, nem genio proporcionado a sua desmedida ambição. Tinha uma certa inflexibilidade pertinaz, a que os seus adulares appellidavam força de espirito e firmeza de caracter; que só procedia do seu orgulho e obstinação, qualidades que se encontram em mulheres de pouco siso, e que constituiam o caracter dominante de sua mãe. Em Religião, era supersticioso; em politica, enganador, desconfiado, e tímido; no governo, insolente e tyrannico; dominado por suas concubinas, sob a tutella de seus confessores, zote de seus ministros; flagello de seus vizinhos e vassallos; dado á guerra por mera vaidade, sem ter os talentos de um guerreiro; inimigo desattencioso, alliado sem fé, e grande perturbador do repouso do mundo; e de uma capacidade menos que mediocre.

Era natural a um tigre sobre o throno, assim como Caligula de se-comprazer com um poder tão feroz, quão sanguinario, era o seu humor, e de se-gloriar com illimitado direito de fazer tudo quanto a sua vontade, ou para melhor dizer, o seu furor, lhe suggeria: *Omnia sibi in homines licere*. Porém quanto era digno da humanidade e do bem-fazejo coração de Trajano o discurso que elle dirigio aos seus principaes officiaes! Elle lhes-apresenta uma espada com esta inscripção: *pro me, si merear, sin in me*: „ esta espada, este distinctivo de authoridade, que vos dou, voltai contra mim, se o merecer. „ Vejamos agora, se o monstruoso poder que Caligula pretendia ter, e que com effeito exercitava, poude preserval-o, e se Trajano desapprovando-o, diminuiu em coisa alguma sua propria segurança: bem longe d'isso, o primeiro foi abominado e assassinado, como tyranno que era, o segundo foi amado durante a sua vida, a ponto de ser adorado, e chorado amargamente em sua morte, como o pae, e protector do Imperio. Trajano estava per-

suadido que *o fim e prerogativa do throno são proteger os povos, e que neste mundo não ha outro emprêgo legitimo de auctoridade soberana*.

O Cardeal de Retz diz em suas memorias, que com todas as razões que poude imaginar, não lhe foi jámais possível fazer com que a rainha regente comprehendesse a força d'estas palavras: *o bem público*: julgava que só a um Republicano cumpria cuidar das vantagens do povo, e não concebia como a auctoridade real podia ser outra coisa mais do que a mera vontade do principe servil e illimitadamente obedecida. Causaria por ventura admiração que os povos em França gemessem sob o peso da oppressão e dos impostos, quando uma mulher d'este character empunhava o timão do governo, e que ella se-deixasse conduzir cegamente por *Mazarin*, ladrão público, convencido de haver em poucos annos roubado nas finanças nove milhões; que tinha passado sua mocidade a fazer infames velhacarias; que não tinha outras maximas de governo, senão as que são proprias da mais cruel tyrannia ultramontana, a do papa; e que achando-se ellevado ao glorioso emprêgo de primeiro ministro, não estava em suas mãos o poder de deixar de patenhear sempre a baixeza de um rato-neiro miseravel! *O torpe coração*, diz o Cardeal de Retz, *apparecia sempre atravez* o duque de Orleans dava a *Mazarin* o apelido de *um malvado ministro, incapaz e detestado pelo genero humano; um embusteiro consumado*.

(Gordon)

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor.

Pelo seu N.º 54 fiquei sabendo que o projecto de lei sobre os Majores, e Ajudantes de 2.ª Linha, promovidos antes do Decreto de 4 de Dezembro de 1822, que passára na Augusta Camara dos Deputados, não teve igual sorte na dos Senadores, antes ficou addiado até a vinda d'ElRey D. Sebastião, pois tanto vale dizer, até que chegue a época da organização geral do Exercito. Muito feliz foi uma tal lembrança, pois como a justiça do projecto era innegavel, o meio de desviar-o até aquella época, porque antes disso morrerão todos os Majores, e Ajudantes que hoje soffrem a mais escandalosa desigualdade em consequencia d'aquelle Decreto, e assim ficão livres os Srs. Senadores de tomarem em contemplação esta reforma nas que fizerem para organização geral do Exer-

eito. Grande coisa é ter tino! A mim, que sou um asno, me parecia que quando se propunha uma medida, cuja justiça fosse indisputavel, e cuja admissão não tivesse inconvenientes, o remedio era ceder: mas agora já fico sabendo este meio de desviar, que alias pôde ter uma extensão bem ampla, pois serve para cortar pela raiz todas as tentativas que se fizerem para admittir reformas. Ora, esta addição tem de mais a vantagem de poupar não poucos vintens aos cofres Nacionaes, pois se passasse o projecto em questão, ali tinhamos nós os Majores, e Ajudantes de 2.^a linha promovidos antes d'aquelle Decreto, um com o augmento de 12 mil e tantos reis por mez, outros com 20 mil e tantos reis mais, o que tudo não são migalhas; nem os Majores, e Ajudantes são tam pobres que precisem disso, antes vencem uns 450 rs. por mez, e outros a 200 rs. Estas e outras considerações é que me convencem, de que o Senado tem marchado com um espirito de economia bem entendida, porque quando se tracta de migalhas, como por exemplo de 8000 rs. que um Sr. Senador, que é Presidente, recebe no 1.^o de Abril para trabalhar os mezes de Abril, Maio, e Junho, e d'ahi a dois ou tres dias parte para a Côrte a tomar assento no dia da installação, desde o qual recebe o subsidio a razão de nove mil cruzados por anno; quando se tracta, digo, d'estas migalhas, o Senado não toma em consideração, inda que sejam coisas Decretadas já por lei, pois isto seria reduzir inda mais o mesquinho pão dos Srs. Senadores: mas quando há questão das avultadas sommas de 10, ou 20 mil rs. por mez, que irião locupletar á homens, que vencem as enormes quantias de 20, e 450 rs. por mez, cortão então por estas despezas, inda que de summa justiça, a fim de não graxar o thesoiro! Isto é que é ter tino, Sr. Redactor: e deixe fallar quem falla pois os factos clamaõ, e o mais são parolas: e viva o expediente da addição, que ainda pode servir para muitas outras medidas.

O que é galante é haver homens que inda assim mesmo declamaõ contra esta medida do Senado, e vem dizendo que os pobres Ajudantes promovidos antes do Decreto de 4 de Dezembro ficão ganhando eternamente os 200 rs. que já tinham, sem já mais terem accesso, e que estão

vendo crianças de hontem, com um, ou dois annos de serviço passarem á Alferezes Ajudantes, vencendo ja 30 e tantos mil rs. e sempre com direito a regressar para a 1.^a linha, e outros Capitaens de 1.^a linha quazi tão crianças como aquelles outros, passando a Sargentos miores dos seus mesmos corpos, e com o vencimento de perto de 600 rs. por mez.

Mas pergunto eu, não tem esses Ajudantes antigos (que todos estão hoje Capitaens) o direito de passarem a Tenentes Coronéis de seus corpos, senão já, ao menos quando vier ElRei D. Sebastião? Queixaõ-se, é verdade, de que lhes é preciso esperar muito tempo, visto que haõ de contar ainda a antiguidade com todos os Capitaens do seu Corpo, e agora muito peor, que até vem Capitaens de outros corpos e até de uma arma differente, e até moradores em districtos mui remotos, para entrarem nas vagas de Tenentes Coronéis que apparecem de vez em quando. Estas e outras queixas, Sr. Redactor, formão os taes Srs. Ajudantes, e alludem ao despacho que ha pouco obteve um Capitão do Regimento de Cavallaria de 2.^a linha d'esta Cidade, que passou para Tenente Coronel do Batalhão de Caçadores de Ytu, contra a expressa determinação d'aquelle mesmo Decreto de 4 de Dezembro de 1822, que só concede promoção aos de 2.^a linha nos seus respectivos Corpos. Mas é porque elles se não lembrão que este Official tem posses, e por isso inda que resida n'esta Cidade, tambem tem propriedades no districto d'aquelle Batalhão; e inda que fosse antes de Cavallaria, bem podia passar para a Infantaria, porque os homens ricos andão umas vezes a pé, outras a cavallo, e outras de sege. Demais, se os Srs. Ajudantes não são ricos, como é que querem não esperar pelos outros? Sabem elles se estas e outras semelhantes considerações tem influencia no ministerio e nas outras repartições publicas? Ou quererão elles penetrar os segredos dos gabinetes? Sr. Redactor, sempre tive raiva á gente pobre, porque andão sempre com queixumes, tudo para elles é = *o meu direito* = *os meus serviços* = *a injustiça que me fizeram* = *a preterição que soffri* = &c. &c. Um homem rico nunca anda com estas frioleiras; se quer um despacho, abre a bôlça, e ou na salla, ou na alcova, ou na cozinha, acha alguém que lhe franquea a porta, aos acces-

nos: e acho isto de razão, porque se eu tenho o meu dinheiro, e querem-me vender uma boa casa, ou qualquer outra propriedade, porque me hade preferir outro que quer de graça a mesma especie.

Portanto, Sr. Redactor, deixe fallar os Sr.^s Majores, e Ajudantes, que nem por isso haõ-de minorar o conceito dos grandes homens, que o Senado possui em seo Augusto Recinto, que tiveraõ a feliz lembrança do addiamento: e tenha esperanças, Sr. Redactor, de ver baldados os esforços, que fazem os pobretoens, e desvallidos para manter o que elles chamaõ igualdade de direito, observancia das Leis, e outras parvoices, pois ainda que no Senado, a maioria tambem da pézo á essas coisas, com tudo a menoridade hade prevalecer em muitos casos arrastando os votos de uns por se tractar de materias que não são de sua repartiçãõ, de outros por contemplaçoens e mil outros motivos que diariamente occorrem.

Taes são os votos de muitos que se intitulaõ *homens de bem*, e senaõ são os meos, é porque sou

Um pobretaõ.

Sr. Redactor.—No prospecto de sua Folha prometteu-nos Vm. fallar em todos os estabelecimentos d'esta Provincia, fazendo chegar a mercê da luz do seu Farol, ao conhecimento do publico o bom, ou máo andamento d'elles, elogiando, ou censurando a conducta dos empregados. Mas, Sr. Redactor, já lá vão 54 n.^{os}, e ainda não se dignou lançar um golpe de vista sobre as margens do Ypanema, subir a altura do Arassoyava, visitar a Imperial Fabrica de Ferro!! Tão poucolhe merece este estabelecimento colossal, o primeiro e mais interessante da Provincia, e talvez de todo o Brazil? Entretanto o que por lá váe!!

Deixando em silencio um sem numero de factos, que parecem acintemente feitos para o atrazo d'aquella Fabrica, e de que o publico já devia estar instruido; vou contar-lhe o que acaba de passar-se n'estes ultimos dias.

Depois de concertado o desmancho, que soffreu o forno alto em o fim da fundiçãõ do anno passado, começou a d'este anno a 26 de Junho, e depois de varias tentativas do Mestre Suéco Lorenzo Hultgren, que to-

das se frustrarão sob pretextos nada plausiveis; depois da gravissima e mortal molestia do actual Administrador, da qual se salvou miraculosamente, póde dizer-se, resultado de suas fadigas, e de seu zêlo por aquelle estabelecimento; no dia 3 do corrente Outubro deu o Mestre por findos os seus trabalhos d'este anno, dizendo que a parede interior do forno necessitava de reforma, e que sem isto não se poderia obter fundiçãõ. E' de notar, Sr. Redactor, que desde o principio da fundiçãõ o Mestre carregando o forno, não deitava mina sufficiente, de maneira que os proprios escravos, que haviãõ assistido as fundiçoens passadas, forãõ á casa do Administrador a pedir-lhe, que lhes entregasse a fundiçãõ, e que se elles não déssem conta d'ella, queriãõ ser castigados. Mas que providencia poderia dar o Administrador, quando o primeiro remedio, que lhe applicarãõ os Medicos foi uma total ignorancia de tudo que se passava na Fabrica? Como pois fosse o Mestre o único inteligente da materia, e nenhum credito merecendo os escravos, continuarãõ as suas tentativas até o já referido dia 3; é desenganados de que fizessem fundiçãõ, e tendo-se perdido uma somma consideravel em combustivel, jornacs &c. &c. &c; o Administrador interino José Martins da Costa Passos annuo em fim ao pedido dos escravos, e entregando-lhes o forno, carregarãõ-o como era costume, e no fim de 48 horas appresentarãõ optimo ferro modellado e em guza. Foi inexplicavel o contentamento de todos os habitantes da Fabrica, repicarãõ-se os sinos, derãõ salvas, e em todos os semblantes via-se pintado o regozijo e o prazer. A fundiçãõ continúa e sempre bem, debaixo da direcçãõ dos escravos.

Ora diga-me, Sr. Redactor, como é possivel que o Mestre não pudesse fazer agora a fundiçãõ, tendo feito as dos annos antecedentes, e a fação os escravos? Será impericia? Não: elle tinha dicto ainda o anno pasado=, Ah! Sr., agora sim eu estou Mestre de fundiçãõ; eu posso ir fundir ferro sem medo em toda a parte; eu governo o forno, como um pião governa o cavallo=, Que será pois!!!! Não sei. Sou, Sr. Redactor, muito seu venerador.

O Ypanemista.

S. Paulo 15 de Outubro de 1827.